

Encontro acabou sendo informal

Roberto Garcia
Correspondente

NOVA IORQUE — As mesmas tensões e incertezas que caracterizaram as negociações da dívida externa no ano passado persistiram ontem, quando a nova rodada de discussões deveria ter começado com uma exposição do chefe da equipe brasileira, Fernando Milliet. “É a mesma novela de sempre. Precisamos de um estoque de antiácido para lidar com esse pessoal do governo Sarney”, disse um membro da equipe de 14 bancos que representa os credores do Brasil nas discussões.

Milliet não apareceu em virtude do cancelamento do vôo que o deveria ter trazido de São Paulo para Nova Iorque, na noite de domingo. Os demais funcionários do Banco Central, chefiados por Antônio de Pádua Seixas, tinham viajado com antecedência na noite de sábado, e graças a isso estavam a postos para a reunião com os banqueiros. Mas acharam que era melhor esperar a chegada de Milliet, hoje cedo. A reunião foi adiada por mais um dia. Seixas apenas encontrou-se com os representantes dos bancos informalmente, no fim da tarde de ontem, mas ao entrar no edifício da firma de advocacia Shearman and Sterling disse: “Só vou fazer uma visita de cortesia a eles, para não deixá-los na mão.”

Mesmo que tivesse chegado na hora, contudo, o presidente do Banco Central não teria conseguido abrir a nova rodada de negociações do acordo de reescalonamento da dívida a médio prazo. “Antes precisamos cumprir os termos do acordo anterior, mas ainda há muita coisa para amarrar. Está complicado”, expli-

cou um banqueiro, acrescentando que o Brasil atrasou pagamentos de juros novamente, não cumpriu o que tinha prometido.”

Segundo a versão dos bancos, um enorme descalço do governo Sarney em relação à sua própria palavra seria a forma de descrever o que está acontecendo. Isso desgastaria a imagem do país, do governo e a capacidade dos negociadores. Assim, num telegrama enviado a todos os credores em 11 de novembro passado, o ministro da Fazenda Bresser Pereira e o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, afirmaram que a aceitação do acordo interino pelos bancos — mediante o qual contribuiriam com 3 bilhões de dólares para o país pagar 4,5 bilhões em juros atrasados: — “ajudará o Brasil a manter os pagamentos de juros a partir de 1º de janeiro de 1988 em dia”.

Os 4,5 bilhões de dólares deveriam ser pagos em duas prestações. O primeiro desses pagamentos foi feito em 30 de dezembro e o segundo deveria ter ocorrido ontem. Para esse segundo pagamento, de 400 milhões de dólares, o Brasil deveria entrar com 133 milhões de dólares e os bancos com 267 milhões. Mas desde 1º de janeiro começaram a vencer juros referentes ao novo ano e o Brasil não mandou os pagamentos. Por causa disso, muitos bancos que deveriam entrar com os 267 milhões de dólares ontem não o fizeram.

“Eles estão certos. Esperavam que o Brasil normalizasse os pagamentos a partir deste mês e isso não aconteceu. O governo nem sequer mandou explicações. Pelo contrário, a única coisa que recebemos do Brasil são notícias de novas exigências”, reclama um membro do comitê de assessoramento dos bancos.